

A vida e o dinheiro

6-V-946

O valor duma vida humana! Pudessemos saber o que é a Vida, e não haveria por ela tão pouco amor.

Não sente cada um de nós, em si mesmo, o instinto de viver, muitas vezes cego e inconsciente, mas sempre forte até á própria violência? O sacrificio da vida só o aceitamos afinal, por heroismo, quando a morte nos aparece como condição de vida. Morremos então para que os outros encontrem maior segurança na vida.

A vida é o dom supremo, a maior riqueza que possuímos. Por ela, tudo o mais sacrificamos com alegria. E o maior sofrimento do nosso viver terreno é precisamente a ameaça de a perder ou de a ver diminuída pela doença ou pela mutilação. Há por instinto, em cada um de nós, um certo conhecimento do valor da nossa vida.

Mas é da «nossa» vida. Quando se trata da vida dos outros, torna-se horrível o nosso egoísmo.

Abrimos as páginas dos jornais, todos os dias pousamos os nossos olhos sobre a série interminável de tragédias que arrancam a vida a tantos irmãos nossos, e continuamos a leitura com a mesma indiferença como se tivéssemos lido uma notícia de sociedade. Aquilo que, em nós tem tanto valor, nos outros não tem valor nenhum?

E quando fazemos da vida alheia um mero instrumento de lucro, então a insensibilidade pelo destino duma vida que não seja a nossa ou a dos nossos amigos, toca as regras da brutalidade. Um acidente de trabalho? Quantos se alegram até com ele! É uma ótima ocasião para substituir um operário por outro mais ágil ou menos caro, uma excelente oportunidade para se obter colocação, ou subir na escala do nosso emprego. Chega a ser horripilante como se esprieta a evolução da doença alheia na esperança de melhoria própria. Muitas vezes, aquele que não nos fazia outro mal senão o de viver, ainda não tem cerrado definitivamente os olhos, e já nós batemos á porta deste ou daquele a pedir lugar vago, com diabólica alegria de ter por fim vagado.

Não respeitamos nos outros aquilo que, em nós, tanto valor de facto, tem e deve ter.

Mas esta incoerência e egoísmo não deixa de ser menos criminosa quando recusamos um auxilio, um esforço, ás vezes bem pequeno, para salvar uma vida, para a não deixar perder ou desvalorizar. Quantos accidentes de trabalho, por exemplo, ou de viação se poderiam evitar com um pouco mais de respeito pela vida... dos outros? E é sempre, todos os dias, a mesma coisa. Passamos indiferentes, horrendamente indiferentes!

Mas, afinal, que digo eu? Não será, por igual criminosa deixar adoecer, tuberculizar, mutilar uma vida que não factivamente seria...

um pouco da nossa boa vontade? Um desempregado cuja família se depauperava lentamente, um trabalhador cuja energia se perde num esforço sobre-humano para sustentar o seu lar, uma doença que vai minando o organismo e que se não pode tratar de começo por falta de meios, quantos casos de cada dia, mais numerosos hoje do que nunca, a ceifar vida após vida, perante a nossa mais cínica e culposa indiferença! De quantas mortes o nosso egoísmo não será culpado, nós que supomos ter as mãos limpas de sangue?

Sim! Porque ha um dever de solidariedade, um dever de fraternidade de cristã que nos torna responsáveis uns pelos outros, perante Aquele que é o Pai de todos.

Mãos limpas de sangue, as nossas que se recusam a um sacrificio para salvar a vida dos nossos irmãos? Mãos limpas de sangue as nossas que mais apreciam o dinheiro e os saldos das obras de assistência do que a saúde, o vigor e a mesma vida dos pobres?!

«A vida do pobre, adverte o livro inspirado do Eclesiástico (Ecl: XXXIV.25), é o pão de que necessita. Quem lho tira é um homem sanguinário».

E se a recusa provem do desejo de amontoar riquezas, embora para depois fazer a Deus mais linda offerta, a mesma Sagrada Escritura acrescenta dele: «aquele que oferece um sacrificio com os haveres dos pobres é como o que degola um filho na presença de seu Pai (id. XXXIV.27)».

Mas nem tudo, felizmente, são miserias nesta vida. Ainda existe, graças a Deus, quem saiba compreender generosamente o seu dever.

E conta-se uma história verdadeira para illustrar o nosso pensamento e aspiração.

Em determinada casa agricola, o administrador fala a um pobre operário já de certa idade, que se con-

forma com a iminencia de ficar cego de todo.

O coração do bom chefe sente um estremecção: — mas... cego, porquê?

— Porque não tenho dinheiro para me tratar, responde o futuro cego.

— Dinheiro?! E a sua vista salvar-se-á com dinheiro?

— Dizem que me poderia curar, se pudesse ir para Lisboa fazer um tratamento. Mas não tenho dinheiro para isso...

— Mas dinheiro, tenho-o eu, todo o dinheiro desta casa! Não ficará cego.

No dia seguinte o homem tomava o comboio para Lisboa, instalava-se na capital, e aqui demorou todo o tempo necessário, não para ficar inteiramente curado, mas para regressar ao seu lar muito melhorado e sem a ameaça terrível de ficar ceguinho. Levava nos olhos mais luz, na alma mais humanidade, no coração maior reconhecimento. Poderia ser um revoltado. Ficou homem dignificado e respeitador.

Quem me contou esta história comentava: — «eis um homem que sabe dar mais valor aos olhos dum seu subordinado do que a todo o dinheiro que administrava. E o que fez a este, tem feito a muitos outros. Quantas vidas não terá já salvo e dignificado?! Só Deus o sabe».

Não quero encerrar este artigo sem deixar aqui, para seu louvor e nosso exemplo, o nome desse homem e o da Instituição que vem sabendo erguer tão alto.

A Instituição é a Fundação da Casa de Bragança. O homem é o Dr. António Luis Gomes.

ABEL VARZIM

O CHEFE